

ANJO «NEGRO»

crônica da vida real | **Silvy Gallanni**

mais destaques nas páginas seguintes em

VuJonga[©] cadernos literários

Silvy Gallanni: 'Anjo Negro' | crônica 'jahuense.' 5

Link e-Book da obra *Fragrâncias Poéticas* | haicais | Poetic Fragrances. 11

Adelto Gonçalves: 'O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797' | divulgação. 13

Fanisse Craveirinha: 'A Ciência e a Investigação, muito têm contribuído para a Saúde Mental' | psicologia. 15

Myriam Jubilot d'Carvalho: 'O Harém do Califa' | no prelo. 17

Mphumo Kraveirinya: *Kapulana* – história do tecido | divulgação. 19

Dona Cacilda: *Nota da Redacção* | matriarca luso-moçambicana. 23

Lusofonia e Afins – Periódico Digital e em Papel[©]

Portugal - Moçambique - Goa - Malaca - Timor - Brasil

Publicação Autónoma
de fins culturais





Ficha técnica |

CULINÁRIA | Dona **Cacilda da Conceição Dias**:
receitas | gastronomia | memórias associativas mestiças.

FILOSOFIA | **Myriam Jubilot d'Carvalho**:
prosa e poesia | crônicas interculturais | ensaio.

REVISÃO | **Fátima Domingues**:
textualidade e contexto | pedagogia | revisão de texto.

HISTÓRIA | **Adelto Gonçalves**:
Brasil – Portugal | resenhas literárias | Lusofonia.

PSICOLOGIA CLÍNICA | **Fanisse Craveirinha**:
psicoterapias | reflexões sobre saúde mental quotidiana.

INSTANTÂNEOS | **Silvya Gallanni**:
instantâneos | crônicas | poesia | fotografia | revisão gráfica.

COMUNICAÇÃO e CULTURA |
João Craveirinha [fundador e coordenador]:
comunicação e cultura | resenhas | revisão-geral. .

ARTE | **Mphumo Kraveirinya**:
infografismo | layout | art work | poesia | crítica de arte.

VuJONGA – significado.

VuJONGA significa ORIENTE, e também por analogia, povo vaJonga do ‘Sol Nascente’ – em língua Jonga.

ORIENTE – ponto cardeal

de uma das quatro direcções principais da rosa-dos-ventos

[Sul – Norte; Ocidente – Oriente]

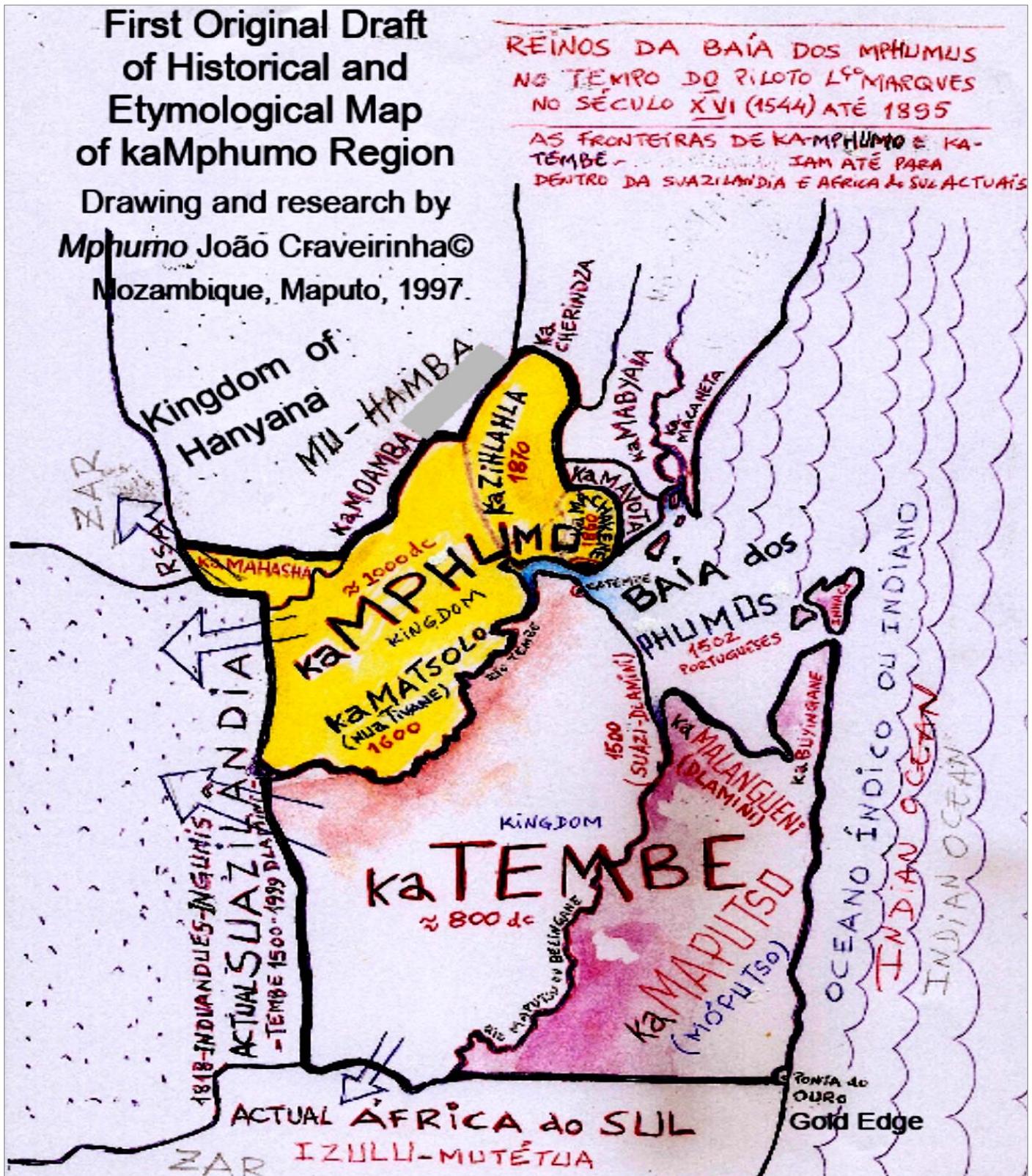
ShiJonga ou ‘O Jonga’ é um idioma africano que tem a sua origem milenar no idioma kiKongo, com sede em Bandundu no ‘Congo-Kinshassa.’ Daí sairiam migrações cíclicas do povo (ba)Kongo, rumo à África Austral, tomando rumos diferentes a partir do rio Zambeze, a sul e a norte.

Posteriormente, em fusão genético-cultural, originou outras variantes idiomáticas, tais como as dos povos Nhandja (Niassa), Guigóne (Inhambane), Jonga (Móputso), e ainda outras variantes posteriores tais como ShiSuate (Suazilândia), Zulo (Natal), Shengane (Gaza), ShiTsua (Inhambane).

A língua Jonga é, pois, um idioma muito antigo da cultura baNto da capital de Moçambique. Sofreu várias influências linguísticas no decurso do tempo. Estas são o registo cultural de épocas em que navegadores europeus e asiáticos circularam pela costa marítima moçambicana, aí desenvolvendo relações comerciais – mais pacíficas – umas, e outras mais conflituosas.

Este idioma, shiJonga, encontra-se actualmente em processo de extinção, devido a imposições ideológicas do poder político estabelecido desde 1975. ■ **coordenador JC.**

1º Esboço de Mapa Etno-Etimológico da região vaJonga - séculos XVI-XIX





«ANJO ‘NEGRO’» é uma crônica *in Memoriam* de Dona Sebastiana que partiu para o *Céu dos Anjos*. Crônica baseada numa história verdadeira passada em 1968, na cidade de Jahu, no Estado de São Paulo, Brasil – onde vivemos na nossa infância. Trata-se da figura popular de Dona Sebastiana (1914-1970?) contadora de historinhas para a molecada da rua Botelho de Miranda em Jahu. Ela foi um exemplo de ser humano!

- ...Toc...toc...toc...- ‘Dona Sebastiana? Posso entrar? Sou eu Silvinha!’
- ‘Olá querida, claro que pode, entre logo que já vamos começar a sessão de historinhas... Muito bem crianças, de quem é o dia de pedir histórias?’
 - ‘Hoje é meu dia!’ (Diz Silvinha levantando o pequeno indicador)
 - ‘Pensei que era o meu!’ (Falou Pedrinho no meio da criançada sentada)
 - ‘Amanhã é seu dia Pedro, hoje é da Silvinha...(Esclarece a dona da casa)
- ... E, que história você quer menina?’
- ‘Bem, Dona Sebastiana, hoje eu queria saber de outras coisas!’
 - ‘E que *outras coisas* são essas?’
 - ‘Quero saber, porque chamam a sinhóra de “nêga”?’

- ‘Sabe que ninguém nunca me perguntou isso? Mas, vamos lá que eu te respondo: Nasci assim, porque tenho mais glândula melanina que você e seus amigos clarinhos. Pois a pele ‘negra’ ou melhor... mais morena, me protege melhor do sol. Venho de uma família que viveu na África há muitas gerações atrás. Meu pai era “negro”, minha mãe, e toda a minha família!’

- ‘E alguma vez a sinhóra foi discriminada por causa dessa sua cor de pele... digamos... mais marrom?’

- ‘Sim menina, e não foi uma vez somente, foram várias vezes. Muita gente pensa que somos diferentes, não somente na pele, mas aqui no coração... Vou contar uma história que aconteceu há uns 10 anos. Eu já morava aqui nesta casa... e um dia quase fui atropelada na esquina ali de cima.

O motorista desceu do carro e começou a me xingar com muitos palavrões, e me chamando de “negra suja” e que eu devia voltar para África. Fiquei dias sem sair de casa, arrasada com o que havia acontecido. Nunca em minha vida tinha passado por esse vexame...

Mas como tudo tem volta nesta vida, algumas semanas mais tarde meu filho chegou em casa, e disse que havia no hospital em que ele trabalhava, uma criança que precisava de um tipo raro de sangue. Ele sabia que eu tinha. Me pediu pra ir até ao hospital doar.

Chegando lá vi um menino mais ou menos da sua idade, muito lourinho de uns olhos azuis da cor do céu. A mãe dele estava junto, e começou a chorar ao contar a história do filho. Ele ia morrer se não recebesse sangue naquele dia. Pois, havia sofrido um acidente de bicicleta e sangrara muito. Estava ali deitado meio sem vida, parecia que nem respirava. O médico veio e perguntou se eu poderia doar meu sangue...que combinava com o dele.

- ‘Claro que sim!’... eu disse.

Fui ligada ao pequeno e rapidamente vi meu sangue passar das minhas veias às dele. Isso me deu a sensação mais feliz da vida. Meu coração transbordou de alegria pelo bem que fazia àquela criança. Voltei para casa no fim da tarde. O menino ficou bom e rapidamente foi para casa.

Passados alguns dias vieram bater à minha porta... e qual não foi a minha surpresa em ver o menino que havia recebido meu sangue. Pedi para entrarem e

rapidamente os recebi aqui nesta sala. A mãe se chamava Jussara, o menino Lucas...como meu filho. E o pai de Lucas se chamava Luiz. Perguntei onde estava o pai, e a mãe disse que ele já vinha, pois tinha ido estacionar o carro mais à frente...

Quando ele chamou lá de fora, pedi que entrasse... e qual não foi a surpresa de ambos quando percebemos que o pai de Lucas era o homem que quase havia-me atropelado dias atrás...

Ele começou a chorar sem parar, e sem que eu pudesse falar alguma coisa, se ajoelhou a meus pés e me pediu perdão pelas palavras que me havia dito. Contou à mulher e ao filho o ocorrido e, cheio de remorso só sabia chorar!’ (Finalizou Dona Sebastiana)

- ‘Nossaa... Dona Sebastiana, mas que história e tanto, heim?!... E a senhora desculpou o pai do menino?’

- ‘Sim...e disse pra ele que naquele dia do quase acidente, quando me fui deitar, pedi a Deus que perdoasse aquela alma perturbada, e me fizesse esquecer o que havia acontecido. Rezei vários dias por ele!’

- ‘E o que mais aconteceu?’(Perguntou a menina que por acaso do destino, nesse tempo, era aqui a vossa cronista)

- ‘Bem, Silvinha, ele me abraçou muito, beijou o meu rosto e as minhas mãos, dizendo que nunca mais esqueceria o que fiz pelo filho dele. E toda semana vem aqui em casa com o filho Lucas e Jussara, a esposa. Já viajamos juntos e visito a casa deles. Jussara agora está de bebê e querem que eu seja madrinha da menina que irá nascer... E já tem até nome: - vai se chamar Sebastiana, como eu...

O pai de Lucas aprendeu a lição, e percebeu que a cor da pele nada significa, e sim o que temos dentro de nós...Sabem que, ele até descobriu que teve um bisavô mestiço? Assim como você que tem uma vovozinha “nêga”!’(Diz Dona Sebastiana dirigindo-se à Silvinha)

- ‘É verdade Dona Sebastiana... tenho orgulho de ter parte de sangue da minha vó neguinha, do meu vô meio índio, meio português. Porém, ainda que tenha sangue mais de italiano, também devo ter mais de não sei quem!’

- ‘É verdade é a vida! Mas tudo bem, menina... agora por hoje é só!’

- ‘Pôxa, Dona Sebastiana, ainda nem pedi outra história...’

- ‘Vai ficar para amanhã, Silvinha...pois daqui a pouco meu filho chega e tenho que dar atenção a ele... Pedrinho, você ficou quieto o tempo todo... está tudo bem com você?’(Pergunta Dona Sebastiana)

- ‘Está sim... Dona Sebastiana. Fiquei é muito feliz em ver que a senhora não guarda mágoa no seu coração. E que esse pai aprendeu que não se deve julgar as pessoas pela cor da pele!’

- ‘Tem razão Pedrinho. Mas olha, amanhã você escolhe a história!’ (segue)

- ‘Amanhã quero ouvir a história da sua família que veio lá da África, a senhora me conta?’

- ‘Conto sim, mas agora vão... crianças, que já está ficando tarde...Dêem um beijo aqui na “vó negra”... e vão para casa!’

As crianças abraçam Dona Sebastiana e dão um grande beijo em sua face.

- ‘A senhora é um anjo!’ (Disse Silvinha)

- ‘Anjo... Negro?’ (Riu-se Dona Sebastiana). Está bem Silvinha... e...você, menina... também é um anjo. Afinal quem disse que anjo tem cor?’ ■ **SBG**© [Silvya Regyn@21-06-2011. Revisão em 30-09-2015]

Nota Breve: Crônica memorizada e reconstruída de uma história real acontecida nos idos de 1968 com a autora desta página, testemunha do fato, durante a sua infância em Jahu.

Infelizmente, a Dona Sebastiana, partiu para o *Céu dos Anjos*. Era mãe do vereador Osvaldo Lucas (1932-1999), falecido anos mais tarde. ■ S.B.G. 2/10/2015

A cronista Silvya Botton Gallanni com o Curso médio de Comércio é uma paulista – jauense de experiência profissional, de décadas, na área de promoção de marketing alimentar. Foi também secretária administrativa hospitalar. Pesquisadora inata aborda temas atualizados, de interesse geral, direcionados para o leitor brasileiro, moçambicano e português, em particular. Escreve poesia e contos infantis. É fotógrafa amadora. ■

ANJO «NEGRO»

***Fonte das imagens - data venia** «Curious Christian: African»

<http://mattstone.blogs.com/christian/africa/> consulta em outubro 2015)

«African Angels» www.pinterest.com

(atualização em 22 janeiro 2020)

<https://curiouschristian.blog/2019/12/19/little-drummer-girl/>

*



2017 - 1ª publicação

HaiKai

Silvyia Gallanni

Poetic Fragrances

Fragrâncias Poéticas

Silvyia Gallanni
HaiKai

Edição d'Autora
Coleção Cadernos Literários VuJonga
Portugal - Brasil
Moçambique
Made in CPLP

edição d'autora

Ao centro: poetisa Silvyia Gallanni ladeada pela dra. Fátima Domingues e Prof. Pasquale Cipro Neto.

iaKiaH
innslsD svllz

Poetic Fragrances
Silvyia Gallanni

Poetic Fragrances
Fragrâncias Poéticas

edição d'autora

Fragrâncias Poéticas
Livro de HaiKai de Silvyia Gallanni
[em português]
Lançamento na oitocentista
Livraria Féris
em Lisboa ao Chiado - rua Nova do Almada nº 72
25 Outubro 2017 - 19 horas
Será servido um suco de Caju de Honra [do fruto-pêro e não da castanha]

Apresentação pelo
Professor Doutor Pasquale Cipro Neto
Grande divulgador da Língua Portuguesa
na TV Globo do Brasil

| projecto gráfico - literário vuJonga textox |
Nota Breve: HaiKai (plural) - Haikyu (singular).
Os tercetos japoneses que conquistaram o mundo da Poesia ocidental.



iaKiaH

Silvyia Gallanni

Haikyu

Poetic Fragrances

Grosso modo, a escrita da autora Silvyia Gallanni, seja nos seus poemas, crônicas sociais, contos para crianças, ou no caso presente, nos seus haikais (haikai ou haikyu), tenta refletir a fusão dos três mundos que fizeram o seu Brasil - fundidos coercivamente entre os séculos XVI e XIX, na construção do império colonial português. (...) Porém, anteriormente à chegada da primeira imigração nipônica ao Brasil (...) já alguma influência cultural do Japão se manifestava no meio literário brasileiro, através da poética de estilo haikai.

Globally, the writing of the authoress Silvyia Gallanni in her poems, social chronicles, tales for children, or in the present case in her haikyu, tries to reflect the fusion of the three worlds that made her Brazil - the European, the Amerindian, and the African, coercively merged from 16th to 19th centuries in the construction of the Portuguese colonial empire. (...) However, before the arrival of the first Japanese immigration to Brazil (...) some cultural influence of Japan would manifest itself in the literary milieu through haikyu poetics.

ISBN 978-989-20-7376-7

Edição d'Autor
Coleção Cadernos Literários VuJonga
Portugal - Brasil
Moçambique
Made in CPLP



Silvy
Gallanni
HaiKai

Poetic Fragrances
Fragrâncias
Poéticas

edição
d' autora

Edição d'Autora
Coleção
Cadernos Literários
VuJonga
Portugal - Brasil
Moçambique
Made in GPLP

Coleção Cadernos Literários
– VuJonga –

agora em e-Book |
e-Livro / PDF
Link para e-Book ↓

<https://rl.art.br/arquivos/6851021.pdf>



Silvy Gallanni



iaKiaH

innallG syvliS

Haikyū
Poetic Fragrances

Grosso modo, a escrita da autora Silvy Gallanni, seja nos seus poemas, crônicas sociais, contos para crianças, ou no caso presente, nos seus haikais (haikai ou haikyu), tenta refletir a fusão dos três mundos que fizeram o seu Brasil – fundidos coercivamente entre os séculos XVI e XIX, na construção do império colonial português. (...) Porém, anteriormente à chegada da primeira imigração nipônica ao Brasil (...) já alguma influência cultural do Japão se manifestava no meio literário brasileiro, através da poética de estilo haikai.

Globally, the writing of the authoress Silvy Gallanni in her poems, social chronicles, tales for children, or in the present case in her haikyu, tries to reflect the fusion of the three worlds that made her Brazil - the European, the Amerindian, and the African, coercively merged from 16th to 19th centuries in the construction of the Portuguese colonial empire. (...) However, before the arrival of the first Japanese immigration to Brazil (...) some cultural influence of Japan would manifest itself in the literary milieu through haikyu poetics.

ISBN 978-989-20-7576-7



Coleção Cadernos Literários
– VuJonga –

**Link
para
e-Book**

<https://rl.art.br/arquivos/6851021.pdf>



‘O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797’

de

Adeldo Gonçalves, com

Prefácio de

Kenneth Maxwell,

texto de apresentação de

Carlos Guilherme Mota

e fotos de

Luiz Nascimento.

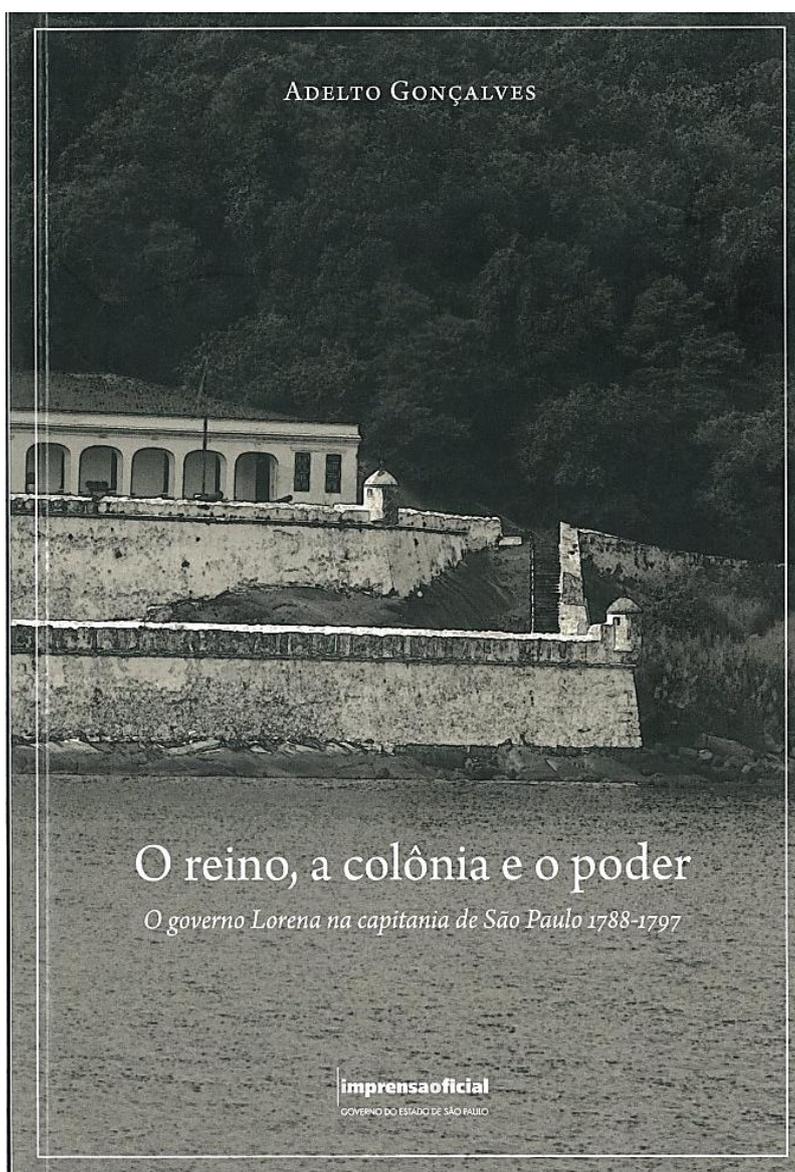
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Brasil:

408 páginas,

R\$ 70,00, 2019.

Site:

www.imprensaoficial.com.br



O reino, a colônia e o poder

O governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797

imprensaoficial
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

HISTÓRIA

***O Reino, a Colônia e o Poder:
o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797 –
de Adeldo Gonçalves***

Uma rica análise do governo de Bernardo Lorena (*)



**Belvedere [*miradouro*] e padrão em homenagem a Lorena na Serra do Mar.
| foto de Luiz Nascimento**



(*) Trecho do texto de apresentação ("orelhas) do livro *O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797*.



A Ciência e a Investigação, muito têm contribuído para a Saúde Mental.

Nunca houve tanto conhecimento como aquele que temos agora e nunca o acesso à informação foi tão fácil, e rápido.

O contexto psicoterapêutico surgiu, numa fase inicial, relacionado com o tratamento de perturbações psicológicas graves, mas rapidamente se descobriu que os seus benefícios eram evidentes e inequívocos em vários âmbitos.

Por outro lado, e no que diz respeito às emoções – a ciência e a investigação, muito têm contribuído para o reconhecimento da importância do cuidado a ter com a saúde mental.

Talvez por isso, ainda me surpreenda e fique atónita quando oiço certas afirmações e proposições!

A Psicoterapia é para pessoas fortes ou para pessoas fracas?

Afirmar que a psicoterapia é para pessoas fracas de espírito ou para pessoas loucas não só é errado como é precisamente o oposto daquilo que é vivido nas sessões de psicoterapia. ■ **Fanisse Craveirinha**© psicóloga clínica.



“A Erich Fromm (1900-1980) – Psicanálise d’Africa”
Detalhe de representação de óleo sobre
tela artesanal de Mphumo Kraveirinya© de 1981.
[Colecção privada da dra. Fanisse Craveirinha]

Myriam Jubilot d'Carvalho

O HARÉM do Califa

VuJonga textos

Myriam Jubilot d'Carvalho



O HARÉM do Califa

edição d'autora
VuJonga textos
coleção cadernos literários

NO PRELO - NAS BANCAS EM 2020

O HARÉM do Califa© | no prelo

Advertência prévia

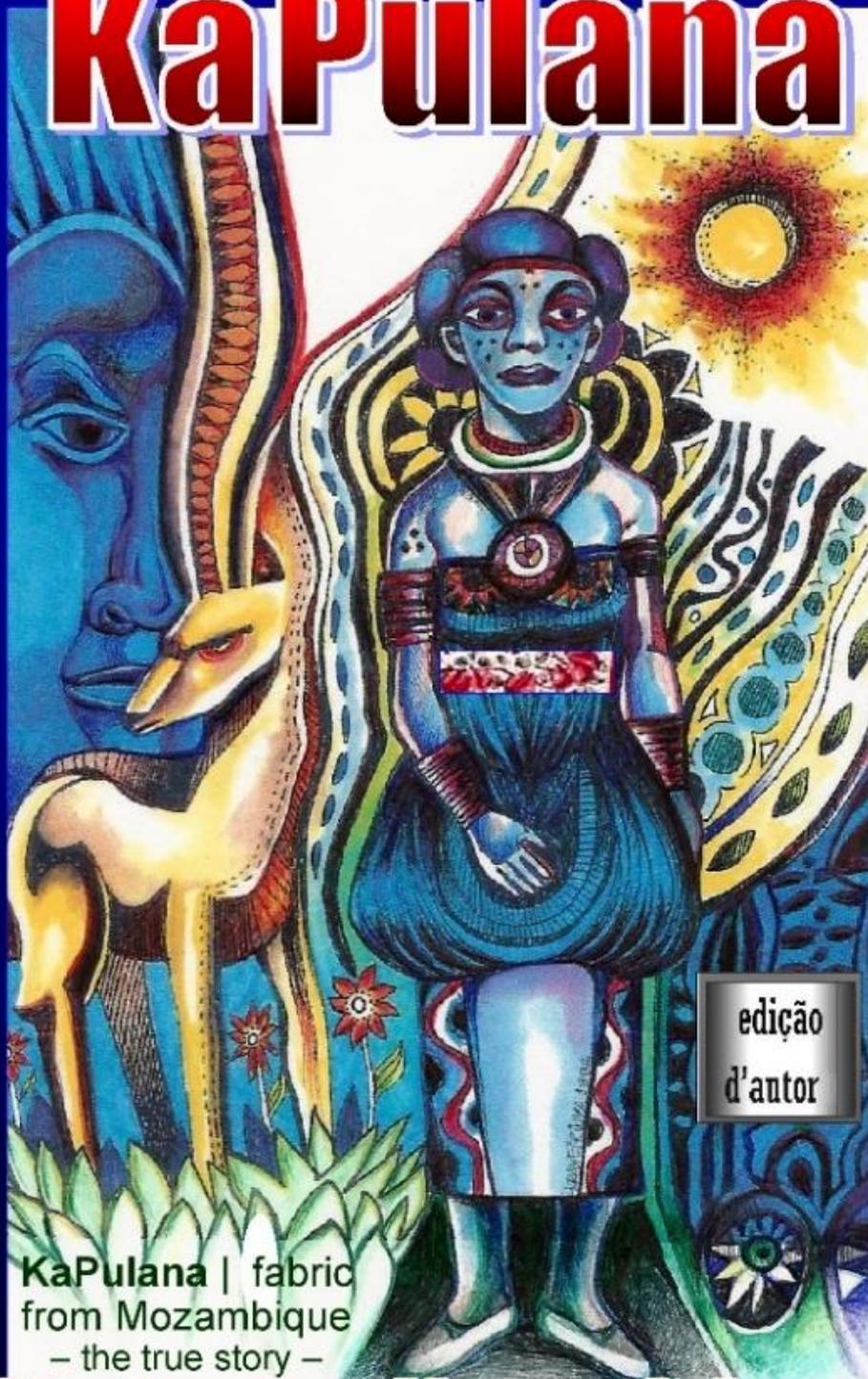
Realizar que uma ficção tem base autobiográfica não significa que os factos e diálogos nela referidos tenham acontecido exactamente como são apresentados. Os factos nunca aconteceram como são contados. A memória criativa transforma-os, ou funde-os em circunstâncias outras, numa tentativa de entendimento e interpretação. Alguns aconteceram de forma mais suave do que na narrativa, outros aconteceram de modo muito mais brutal e as palavras tornam-se um instrumento precário para os traduzir. Numa ficção de base autobiográfica não se pretende forçosamente condenar ninguém. Muitos factos sofrem grandes transfigurações, na tentativa de os atenuar para se poder suportar o peso da lembrança.

Alguns destes contos foram feitos com base em experiências vividas; outros, porém, são testemunhos alterados de factos presenciados; e outros são pura criação. Uma narrativa deste tipo é, por vezes, um desabafo embora só possível quando diferido no tempo e transformado na fantasia. Uma ficção desta natureza é acima de tudo um documento de psicologia. Os “maus” não são os outros. Os “maus” e os “bons” somos nós e quem vive ao nosso lado. ■ **Myriam Jubilot d’Carvalho©**

VuJonga textos Mphumo Kraveirinya **KaPulana**

a verdadeira história | tecido de Moçambique

KaPulana



edição
d'autor

Mphumo Kraveirinya

2017 - Última publicação de Mphumo Kraveirinya

KaPulana | tecido de Moçambique **- a verdadeira história -**

Este livro trata do papel do 'Batique Java Print' (tecido indonésio) na construção de uma identidade em África e sua expansão como tendência global da indústria da moda na Europa através da Holanda. Pesquisa e estudo histórico no âmbito da Sociologia da Comunicação e Cultura. [O autor obteve em 2015 o grau de Doutor pela Universidade de Lisboa, Portugal.]

KaPulana | fabric from Mozambique **- the true story -**

This book deals with the role of Indonesian 'Java Print Batik' on the building up of an identity in Africa and its expansion as a global trend of the fashion industry in Europe through Netherlands. Research and historical study under the scope of Sociology of Communication and Culture. [The author obtained in 2015 the PhD degree at University of Lisbon, Portugal.]

ISBN 978-989-20-7361-3



9 789892 073613



Jubilot
Myriam

O Livro das Actas

Ex annis 70 et 80

in loco vehementer in calorem

O Livro das Actas

Myriam
Jubilot

vujonga 2016



O Livro das Actas

2016 - Última publicação de Myriam Jubilot d'Carvalho

No Brasil: Links do VuJonga – cadernos literários... 2019 /2020.

VuJonga 1– cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847218.pdf>

VuJonga 2 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847228.pdf>

VuJonga 3 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847230.pdf>

VuJonga 4 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847233.pdf>

VuJonga 5 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847238.pdf>

VuJonga 6 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847853.pdf>

VuJonga 7 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847855.pdf>

VuJonga 8 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6847856.pdf>

VuJonga 9 – cadernos literários

<https://rl.art.br/arquivos/6851143.pdf>

agora em e-Book | e-Livro



Dona Cacilda da Conceição Dias aos 96 anos de idade – em 25 dezembro 2019 – Natal na Grande Lisboa.

Fotografia (self) tirada por sua neta Dra. Faniisse Craveirinha.

Receitas da bisa... Dona Cacilda© gastronomia mestiça luso- moçambicana, e global.



Esta é uma página periódica dedicada à Matriarca luso-moçambicana de raízes maternas vaJonga da aristocracia baNto oriental, do século XVIII, e raízes abrantinas paternas de finais do século XIX.

Brevemente nestas páginas, mais elementos sobre esta Dona nonagenária, nascida entre as duas guerras mundiais do século XX. Em 2020, dona Cacilda, é a última matriarca da sua geração de empenho associativista, muito avançado para seu tempo, na então colónia de Moçambique, onde foi funcionária pública até 1976. Ainda em inícios de 1976, no pós-independência, por questões de sobrevivência física familiar e de cidadania, abalou com o seu marido e família para Portugal, país da naturalidade do pai, antigo comerciante de Abrantes, colono português em Moçambique. Pai que regressa à metrópole colonial em finais da década de 1920, sem poder trazer consigo a filha, Cacilda, de tenra idade. **N.R.**

VuJonga

cadernos literários



'Sol do Rio Tejo' - foto de Silvy Gallanni © 2016

Comunicação e Cultura

Coordenação: Professor Doutor João Craveirinha (Ph.D. Ciências da Cultura)

Colaboração de Portugal; Brasil; Moçambique.

Dra. **Fátima Domingues** [Licenciatura Filologia Românica];

Poetisa **Myriam Jubilot**; Dra. **Fanisse Craveirinha** [Mestrado Psicologia Clínica];

Cronista **Silvy Gallanni**; Professor Doutor **Adelto Gonçalves** [pós-Doutor];

Pintor **Mphumo Kraveirinya** [Artwork & Layout].

Lusofonia e Afins – Periódico Digital e em Papel©

Portugal - Moçambique - Goa - Malaca - Timor - Brasil

Publicação Autónoma
de fins culturais



Made in CPLP